

*Jonas
2.º de maio
1911*

**DISCURSO
DO
PARANINHO
CORTEZ PEREIRA**

**DISCURSO DO PARANINHO
CORTEZ PEREIRA**

Solenidade Única de Colação de Grau

21 de janeiro de 1983

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Destaques: 46 turmas, mais de 1.000 concluintes, escolha unânime,
nenhuma abstenção na votação que escolheu o paraninfo**

COMENTÁRIOS DA IMPRENSA DO ESTADO

“Diário de Natal” — “Sendo sutil disse que via no convite dos concluintes uma forma de reparar a sua cassação”.

“A República” (órgão do Governo) — “O ponto alto da cerimônia foi o discurso de improviso do Paraninfo Cortez Pereira, conseguindo arrancar aplausos entusiastas”.

“Tribuna do Norte” (órgão da oposição) — “Comentário geral após a solenidade do Campus: ninguém gostou do discurso do Paraninfo Cortez Pereira”.

Governador do Estado,
Magnífico Reitor,
Presidente do Tribunal de Justiça,
Presidente da Assembléia Legislativa,
Governador Eleito,
Autoridades, Professores, Mães, Pais, Senhoras e Senhores,

Meus caros concluintes:

Subo degraus depois de ter descido tantos outros.

Subo os degraus desta tribuna, com certeza, pelo que eu sou ou pelo que eu fiz, degraus da reparação que vocês fizeram.

Descei outros degraus, pela violência e pela injustiça de homens que nem sequer faro tiveram, para sentir ou mesmo pressentir a honra e a dignidade, que se não estivessem em mim, vocês não me teriam trazido até aqui (aplausos).

Devo fazer um destaque ao gesto que tiveram homenageando um homem simples, impressionante na sua simplicidade em servir à educação, e que vocês escolheram como patrono de todas as turmas. O destaque é minha homenagem, também, ao Prof. Max Azevedo (aplausos).

O orador que acaba de falar em nome de todos vocês, sugeriu que fizéssemos o que ele chamou uma “jornada crítica” pelo mundo. Será isto que tentaremos fazer, agora, percorrendo os caminhos do mundo e fazendo paradas de reflexão sobre a violência e a injustiça, na dimensão maior de nações que escravizam outras nações.

Nesta tentativa de última aula, apontaremos erros que se ampliam em estupidez, contra e desesperando o 3.º Mundo (aplausos).

O Papa, com certo otimismo, já disse que o desenvolvimento era o nome novo da paz.

O desenvolvimento passou a ser aspiração de toda a humanidade, enquanto o atraso tornou-se a maldição do século.

O desenvolvimento, porém, que os homens andam por aí tentando realizar é, na sua essência, a contradição das próprias aspirações humanas.

Ele é, primeiramente, anti-humano por eleger a produção, isto é, a coisa, como seu objetivo maior, e por não ser capaz de sacrificar o êxito da coisa e da produção, sequer, para arrancar o homem do desemprego e da miséria (aplausos).

Ele é anti-ético porque se apóia em leis econômicas cruéis e injustas, que fazem concentrações de riqueza a custa do empobrecimento do povo (aplausos demorados). Keynes, talvez o maior economista deste século, chegou mesmo a fazer a apologia da injustiça porque ela era útil e pregou a necessidade do egoísmo, da ganância, até mesmo da voraci-

dade, para que o capital se multiplicasse a qualquer preço, e aumentasse a produção e a renda concentrada.

O desenvolvimento que aí está, é anti-natural pela violência ecológica, pela carga de produtos artificiais que a natureza é incapaz de digerir e incorporar, acumulando-se como corpos estranhos, em crescente asfixia do meio-ambiente. É anti-natural pela invenção da desintegração atômica, criando milênios de remanescências de perigos contra toda a humanidade.

O homem inventou a energia atômica, vulgarizou-a, sem ter condições tecnológicas de dominar os seus efeitos; e, até hoje, não se sabe o que fazer do lixo atômico. Pensaram em jogar nos abismos oceânicos, a 8, 10.000 metros de profundidade, imaginando lá não se encontrar a vida. Mas encontraram ciclos primários de vida que seriam contaminados pela radioatividade, contaminariam os planctons, as algas, os peixes e chegaria de volta para contaminar o homem, vítima permanente desse processo anti-humano (aplausos demorados). A França imaginou jogar o lixo atômico sob o peso dos Alpes para que não ressurgisse o seu poder de morte. A Inglaterra construiu tanques de aço inoxidável, permanentemente resfriados, para que o perigo não explodisse. Os Estados Unidos aplicaram sua tecnologia montando sapatas de concreto no deserto para enterrar a morte viva. A um desses cerimoniais fúnebres, presente, um assessor científico do Governo Nixon fez o inquietante comentário: "Sinto arrepios, sabendo que estamos tentando sepultar um perigo de morte que tem 25.000 anos de vida". E o que dizer do mais grave? Do perigo da guerra atômica? Basta o comentário irônico e trágico de Krushchev: "Após a 1.^a troca de mísseis não haverá diferença entre as cinzas de um comunista e as cinzas de um capitalista". A própria utilização da energia nuclear para fins pacíficos, causa espanto. O reator, depois de sua vida útil de 20 a 30 anos, ficará de pé, intocável, indesmontável, como monumento à estupidez desta geração contra o futuro da humanidade (aplausos).

O modelo de desenvolvimento que se pratica é anti-econômico. Se o mundo fosse uma empresa, estaria falindo. A Empresa do Mundo tem se desenvolvido consumindo o seu capital original, isto é, os recursos naturais não renováveis, os combustíveis fósseis, as reservas minerais.

Finalmente, este modelo é um "blefe". Os Estados Unidos representam sua maior realização e não resolveram, ao menos, o problema do desemprego. Quem assistiu ao noticiário de ontem viu 20.000 americanos em fila, a uma temperatura de 14° abaixo de zero, disputando apenas 200 empregos. São 12 milhões de desempregados inquietando o Tio Sam. Nas ruas numeradas de Nova Iorque, 46.000 mendigos atestam a falência do modelo econômico (aplausos). 30% dos hospitalizados são doentes mentais, fazendo da mais poderosa nação do mundo, também, a maior concentração de loucos. Toda essa desgraça ocorrendo, depois do

povo americano obter a fantástica capacidade de compra superior a 1 trilhão e quinhentos bilhões de dólares.

Todo esse quadro faz entender as definições que resultaram de uma pesquisa de opinião na qual aparecem 60% dos americanos julgando-se injustos para com o resto do mundo e 91% desejando mudar o estilo de vida.

Ora, se os Estados Unidos, com apenas 4% a 5% da população do mundo, não fez feliz o seu povo, mesmo consumindo 40% da energia e 40% da matéria-prima primária que a humanidade consome, por que caminharmos neste mesmo rumo e tentarmos este mesmo destino? (aplausos).

O mais grave é que com todas essas mazelas, este mundo do qual eu falei é a face iluminada do mundo, mas... ainda existe o outro lado, a face sombria do mundo. Calcutá!, onde pela madrugada mulheres vestidas de preto recolhem, diariamente, os cadáveres da noite. Biafras, Biafras do mundo! Onde milhares, milhões de fetos apodrecem nos ventres de mães sem força, sequer, para as contrações necessárias a parir a vida que morreu antes de viver (aplausos, aplausos).

Tudo isso revela a dissociação terrível, a fronteira separadora entre a produção e a distribuição que caracteriza este modelo de desenvolvimento. Há interesses poderosos para que tudo isso continue assim, interesses dos que são donos do mundo, de um mundo partilhado ideologicamente. Os Estados Unidos são os donos do mundo capitalista, a Rússia é a dona do mundo socialista. Os Estados Unidos levam a vantagem de funcionar como verdadeiro Banco Central de quase todo o mundo. A OPEP parecia ter apontado um caminho de libertação para o 3.º Mundo. Aumentou, unilateralmente, o preço do seu petróleo e faturou milhões e bilhões, mas... não de suas moedas, das moedas do mundo que é a moeda dos Estados Unidos.

Levanto esses temas todos para que haja uma reflexão, em dimensão universitária, sobre o nosso próprio destino. Tentei fazer a "jornada crítica" sugerida pelo orador, que falou em nome de todos vocês. Tentei caminhar os caminhos difíceis do tempo que fazemos.

Quero, agora, apontar um erro que cometeram. O erro de terem feito de mim uma exceção. Tenho assistido sempre aos paraninfos, no entusiasmo de suas longas orações, serem interrompidos com aplausos antecipados para que terminem logo. Não vi, como nos outros e repetidos anos em que isto ocorreu, não vi qualquer desrespeito de vocês, mas o carinho cuidadoso para que eles não se cansassem... (aplausos e risos).

Agora a última palavra, que tem forma de conselho e o sentido de confissão. Sigam os caminhos diversos do mundo, mais dêem à diversidade dos caminhos, a unidade do rumo, da direção no sentido do bem e do justo. Se assim o fizerem, mesmo que todos lhes acusem, vocês terão o apoio forte da sua consciência, e, do sofrimento de todas as injustiças,

**brotará, puro e alegre, o amplo gesto da reparação. Fiquem sabendo vo-
cês que não existe grito mais alto do que o grito silencioso da consciên-
cia. Não existe força mais forte do que a suave paz de espírito. Percor-
ram todas as distâncias, mas sempre façam do bem e do justo, sua luz e
sua sombra ao mesmo tempo. Sombra para abrigá-los na impiedade da
violência. Luz para protegê-los quando a injustiça formar-se negra, com-
pacta e fria (aplausos, aplausos, aplausos continuados). (Foi revisto pelo
autor).**

